



O CORPO HÍBRIDO:  
ANÁLISE MIDIÁTICA DA PARTICIPAÇÃO DO ATLETA OSCAR  
PISTÓRIUS NO MUNDIAL DE ATLETISMO DE 2011<sup>1</sup>

Fabio Zoboli  
Cristiano Mezzaroba,  
André Marsiglia Quaranta,  
Élder Silva Correia

RESUMO

*Neste texto, abordamos questões pertinentes ao corpo híbrido – fusão natural/artificial – que puderam ser observadas no acompanhamento do portal Globo.com em relação a Oscar Pistórius, atleta sul-africano, sua participação e toda polêmica que o envolveu no Mundial de Atletismo/2011 realizado na Coreia do Sul. No período de um mês, identificamos 23 notícias relacionadas a Pistórius, analisando-as a partir da hermenêutica de profundidade. Constatamos um agendamento em relação ao referido atleta, pelo seu ineditismo e polêmica envolvida, ou seja, por ser ele um atleta biamputado que compete com próteses – que o caracteriza como um corpo híbrido – junto a atletas sem deficiência.*

PALAVRAS-CHAVE: corpo híbrido; Oscar Pistórius; mídia.

INTRODUÇÃO

O corredor sul-africano Oscar Pistórius ficou conhecido no cenário esportivo mundial por não ter as duas pernas e utilizar próteses finas, feitas de fibras de carbono, para correr. Pistórius foi o primeiro corredor paraolímpico na história do atletismo a competir igualmente com corredores ditos “normais” em nível mundial. Este feito ocorreu em 2011, em Daegu, na Coreia do Sul, quando este paratleta conseguiu participar de um evento mundial de atletismo com atletas não deficientes, evento sob organização da Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF) e da Associação Sul-Coreana de Federações de Atletismo.

Tal acontecimento, ocorrido entre 27 de agosto a 4 de setembro de 2011, marcou a história do atletismo. Enquanto muitos elogiam a participação do referido atleta no Mundial, outros criticam e acabam gerando uma polêmica em relação à sua classificação para tal campeonato, devido às suas próteses, que configuram Pistórius como um ser híbrido na fusão de seu corpo (natural) com a prótese (artificial) – carne e silício.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização. Não houve nenhum conflito de interesse para a realização do presente trabalho.

A escolha de Oscar Pistórius para mediar as interlocuções midiáticas que faremos nesse texto se deve ao fato do atleta polemizar a questão epistemológica que ronda os estudos do corpo na modernidade no que diz respeito à transformação ontológica do humano, colocada em xeque com a ruptura do limiar entre o natural e o artificial – o corpo híbrido.

Neste sentido, o presente texto pretende investigar os modos como a mídia – aqui circunscrita à esfera digital por meio do portal de internet *Globo.com* – trouxe informações e tematizou as questões concernentes à participação de Oscar Pistórius no evento analisado. Identificamos 23 reportagens específicas a Oscar Pistórius, sendo que tais dados foram coletados no período de um mês, ou seja, iniciamos dia 15 de agosto de 2011 (12 dias antes do evento), e finalizamos a coleta dia 15 de setembro (11 dias depois do evento).

Metodologicamente, tal investigação se caracterizou como um estudo de abordagem qualitativa, pois procurou trabalhar com os “achados” da pesquisa em sua articulação com o “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2010, p.21). Em relação ao tipo de estudo, trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória (TRIVIÑOS, 2010), pelo desejo em trazer à tona fatos da realidade sem a pretensão de cientificização ou “busca de uma verdade” (ou comprovação), e sim a descrição e as características daquilo que pode ser evidenciado no que foi veiculado sobre Oscar Pistórius e sua deficiência/excepcionalidade, ampliando nosso olhar em torno de tal problemática.

Poderíamos classificar, ainda, que este estudo, a partir do que vem sendo pesquisado e difundido em âmbito nacional em relação a estudos midiáticos, trata-se de uma *análise de produto midiático*, ou seja, os veículos midiáticos (televisão, internet, jornais impressos e online, revistas impressas e online, bem como portais de informação – como o escolhido para esta pesquisa) nos trazem, cotidianamente, uma produção em massa de materiais sobre as diversas dimensões do próprio humano (política, sociedade, entretenimento, esporte, economia, meio ambiente, cultura, lazer etc.) e, com isso, podemos apurar nosso olhar ao que é produzido e veiculado pela mídia, a partir de diversos recursos metodológicos ou de técnicas de análises de dados, desde abordagens mais positivistas ou quantitativas, até abordagens mais fenomenológicas ou mesmo estruturalistas, de cunho qualitativo.

Com os dados já coletados, utilizamos a *hermenêutica de profundidade*<sup>2</sup> (THOMPSON, 1995 *apud* TEIXEIRA, 2008) para tratá-los, objetivando explorar seus

---

<sup>2</sup> Segundo Thompson (1995), para se conseguir fazer esse “desvelamento” do que é produzido pela mídia, a partir da *hermenêutica de profundidade*, duas fases são essenciais. A primeira, compreender como as notícias são produzidas, transmitidas e recebidas em condições sociais e

sentidos e significados, tanto pelo que está nos textos escritos ou mesmo nas imagens divulgadas pelo portal pesquisado, isto é, como ocorreu a produção de sentido em relação ao atleta Pistórius.

Na sequência do texto, então, inicialmente tratamos do sujeito *Oscar Pistórius*, tido como um corredor híbrido, para, em seguida, abordarmos a problematização no que tange às discussões da fusão do homem com a tecnologia, a partir do que é visto em Pistórius. Finalmente, analisamos os dados coletados em nossa pesquisa.

## OSCAR PISTÓRIUS: BREVES CONSIDERAÇÕES

Pistörius nasceu na África do Sul em novembro de 1986 e ficou deficiente aos 11 meses de idade, quando teve suas pernas amputadas na altura do joelho. A amputação se deu devido a um problema detectado pelos médicos no ato de seu nascimento: Oscar Pistórius não tinha a fíbula (perônio), ou seja, ele não tinha um dos ossos do corpo que dá suporte aos músculos da perna. Por tal motivo foi necessário fazer a amputação de ambas as pernas de Oscar.

No decorrer de suas participações em competições de atletismo para pessoas deficientes, ele ficou conhecido como o atleta paraolímpico mais rápido do mundo. Mas desde que Pistórius começou no atletismo, ele tinha o desejo de competir em competições com atletas que não fossem deficientes. Devido a esse seu desejo Pistórius tentou classificação para competir nas Olimpíadas de Pequim em 2008, mas foi vetado pela IAAF, que se colocou contra a participação dele nos Jogos, devido às suas próteses de fibras de carbono. Segundo a IAAF, o uso dessas próteses daria vantagem a Pistórius sobre os demais competidores, ou seja, alegaram que seria desigual competir caso o referido atleta utilizasse essas próteses. Depois desse fato, Pistórius ficou conhecido mundialmente. A partir desse episódio, Oscar Pistórius travou uma grande batalha para conseguir a aprovação da IAAF para competir junto com atletas sem deficiência em eventos mundiais.

Como a IAAF não conseguiu provar cientificamente que as próteses de Pistórius lhe conferiam vantagem, a Corte Arbitral do Esporte (CAS) anulou o veto da IAAF e deu razão a Pistórius. Com muita insistência e dedicação, ele conseguiu a permissão para competir com pessoas sem deficiência. E o Campeonato Mundial de Atletismo realizado em Daegu em 2011

---

históricas específicas. A segunda fase consiste na questão formal ou discursiva da hermenêutica de profundidade, ou seja, entender que os objetos e expressões que circulam nos campos sociais são, também, construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada, elas “dizem a respeito de alguma coisa”, seja por imagens, seja por textos.

foi o palco onde se viu Pistórius quebrar o tabu da segregação de eventos desportivos deficientes *versus* normais.

No ano de 2012, Pistórius mais uma vez faz história ao participar dos Jogos Olímpicos de Londres competindo entre os “normais” junto à equipe sul-africana de atletismo. Alguns dias depois dos Jogos Paraolímpicos, realizados também em Londres, Oscar Pistórius é superado na prova de 200 metros para amputados pelo brasileiro Alan Oliveira. Sua mítica e simpatia são postas em questão quando Pistórius, numa atitude deselegante, não aceita a derrota para o brasileiro e exige análise das próteses de Alan, alegando que elas eram longas demais, o que lhe conferiria uma vantagem em relação aos seus oponentes.

Aqui vale mencionar que já em 2007 Pistórius competia provas de atletismo de cunho regional em seu país junto a atletas “normais”. Porém, isso não repercutia no âmbito internacional, logo, não se tinha a visibilidade que hoje temos das questões que mediavam os jogos tensivos da inclusão/segregação. Por isso, o Mundial de Atletismo de 2011 em Daegu e a Olimpíada de 2012 em Londres são considerados, dentro da história do esporte, como sendo os momentos em que um deficiente rompe com a lógica da segregação para competir com os “mais normais”, ou “menos diferentes/deficientes”.

## PISTÓRIUS: UM CORREDOR HÍBRIDO

Oscar Pistórius assume centralidade no âmbito esportivo da atualidade<sup>3</sup>, pois, mesmo não tendo duas pernas como os ditos “normais”, ele adquire o direito de ser tratado como tal, conquistando marcas nas pistas que o dão o direito de participar de eventos feitos para o público “normal” – não deficiente – ou seja, com suas pernas protetizadas, Pistórius corre tão rápido quando os normais bípedes intactos de membros inferiores. Sua participação no contexto não segregado causa incômodo na medida em que são mediados discursos de que o atleta não seria suficientemente humano para competir com os “normais”, pois suas próteses de fibra lhe atribuem características híbridas da fusão homem/máquina.

É como menciona Goellner e Silva (2012, p.199): “com seu corpo eugenizado pela biotecnologia, Pistórius assusta ao reivindicar o direito de competir junto aos obsoletos corpos, meramente humanos”. Ao fundir sua carne ao silício e ao carbono de suas próteses, Pistórius coloca em xeque a natureza humana no sentido de metamorfosear seu corpo com o artificial. Aliados a isso os estigmas históricos de um corpo deficiente/aleijado, soma-se o

---

<sup>3</sup> Aqui é importante frisar que a pesquisa foi realizada antes do acontecimento que está repercutindo no começo de 2013, ou seja, a acusação a qual Pistórius está respondendo na África do Sul – o homicídio culposo de sua namorada.

nascente estranhamento do homem que se funde com o artificial, ou seja, com a natureza híbrida oriunda da tecnologia.

Como território de múltiplos significados e transgressões, este corpo – meio monstro, meio ciborgue – carrega o emblema hegemônico da diferença e desliza contemporaneamente entre as fronteiras de sua materialidade. Um corpo diferente, marcado, ao mesmo tempo, pela deficiência, pela performance e pela tecnologia (NOVAES, 2009, p. 170-71).

Pela manipulação por meio da técnica, o corpo cada vez mais foi sendo alvo de domínio da técnica. O corpo se transformou sob as condições que as ciências/tecnologias lhe oportunizam para transcender sua natureza. O ser humano não aceitou o corpo que Deus lhe deu, na busca de transcendê-lo, ele criou a ciência, que o oportunizou técnicas para superá-lo. Assim, a técnica/tecnologia constantemente está buscando dominar e ultrapassar as fronteiras do corpo humano, tornando-o “[...] escaneado, purificado, gerado, remanejado, renaturado, artificializado, recodificado geneticamente, decomposto e reconstruído [...]” (LE BRETON, 2003, p. 26). Assim, cada vez mais a biotecnologia está visando penetrar/invadir/metamorfosar a organicidade do corpo, não mais normalizando suas funções, mas sim ampliando, transpondo, potencializando, transcendendo essas funções. Ou seja, pela técnica busca-se sanar a precariedade do corpo enquanto natureza.

Em meio a essa simbiose “corpo/tecnologia”, o ser humano vai incorporando realmente em seus corpos essas tecnologias, resultando em novas configurações – o híbrido. São corpos virtualizados via informática, corpos reconstruídos por meio de próteses biônicas de última geração, corpos modificados geneticamente, em suma, corpos híbridos. Neste sentido, compactuamos com Tadeu (2009) quando menciona que uma das características mais notáveis de nossa era é precisamente o promíscuo acoplamento do ser humano com a máquina. “Do lado do organismo: seres humanos que se tornam, em variados graus “artificiais”. Do lado da máquina: seres artificiais que não apenas simulam características dos humanos, mas que se apresentam melhorados relativamente a esses últimos” (TADEU, 2009, p. 11).

Sendo assim, cabe-nos deixar claro ao leitor que neste estudo o “corpo híbrido” é caracterizado pela fusão corpo/tecnologia, seja ela dada no âmbito da virtualização, robótica (produção de sistemas capazes de comportamentos autônomos), biotecnologia (manipulação de componentes dos seres vivos) e nanotecnologia (fabricação de dispositivos moleculares). Amparados nessa hibridação do corpo/natural com a tecnologia/artificial percebemos o uso

em nosso entorno de expressões tais como biocibernético, ciborgue<sup>4</sup>, corpo protético, pós-orgânico, pós-biológico, dentre outros. Para Haraway (2009, p.37), “no final do século XX, neste tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos em suma, ciborgues”.

Não podemos negar que estas novas tecnologias ligadas ao corpo estão causando polêmicas no que tange às fronteiras do humano, confundindo inclusive sua ontologia, afinal, o que caracteriza a máquina nos faz pensar aquilo que caracteriza o homem. Essa realidade vem fomentando estudos epistemológicos que giram em torno do corpo e sua ontologia. Afirmamos isso sustentados em Contreras (2011, p. 139), quando menciona que a hibridação do corpo “*corresponde a toda una ontología e una epistemología, que hunde sus raíces en los cambios en la representación de los objetos de la naturaleza y de la tecnología – los seres vivos y las máquinas*”. Ainda neste sentido, Santaella (2004, p. 31) cita que:

A mistura crescente entre o vivo e o não-vivo, o natural e o artificial, permitida pelas tecnologias, atinge hoje um tal limiar de ruptura que faz explodir a própria ontologia do vivo[...]. Eis, portanto, a considerável ruptura filosófica e cultural que enfrentamos. Quando o corpo e todos os seres vivos tornam-se informação codificada, o que permite a manipulação e replicação da própria vida, é a transformação ontológica do humano que está em jogo.

O corpo híbrido fez nascer novos binários: natural/artificial, carne/silício, real/virtual, homem/máquina. Binários esses que vêm não só se somar a tantos outros já históricos; muito mais que isso, eles vêm ressignificar os mesmos: corpo/mente, natureza/cultura, sujeito/objeto. Alguns deles já são descritos como sepultados ou jogados ao lixo: “complexos híbridos de carne e metal que jogam conceitos como “natural” e “artificial” para a lata do lixo. Essas redes híbridas são os ciborgues e eles não se limitam a estar a nossa volta – eles nos incorporam.” (KUNZRU, 2009, p. 24). O filósofo francês Michel Serres compactua com tal entendimento, na medida em que, ao versar sobre o corpo híbrido, ele anuncia que este soluciona o velho problema do acordo ou da síntese entre natureza e cultura:

Nada mais “natural” do que o gesto de instalar um equilíbrio distante de uma antiga estabilidade, e isso porque a palavra natureza significa, justamente, um nascimento, e o processo em questão descreve o nascimento da própria vida a partir do inerte preso na armadilha do segundo princípio da termodinâmica; mas a repetição do processo projeta a história, essa mesma história que nos separa da evolução vital, bacteriana, vegetal ou animal. A cultura começa pela natureza; ela é a própria natureza, cuja continuidade se dá por outros meios. Por isso, a cada etapa, ela se torna irreconhecível. Não teríamos jamais nos transformados nos homens que somos sem o treinamento (SERRES, 2003, p. 46).

---

<sup>4</sup> O termo ciborgue deriva de *cyborg*, que é a abreviatura de *cybernetic organism*. *Kybernetes* vem do grego, que significa “o homem que dirige”.

Sob esse viés, é inerente o entendimento de que essa ideia de potencializar o corpo pela tecnologia não é recente, ela “compõe o imaginário de diferentes culturas que, há muito tempo, buscam superar a finitude, a condição de animalidade e a precariedade do corpo e da vida” (GOELNER; SILVA, 2012, p.189). Não podemos reduzir a ideia de tecnologia de potencialização de corpos humanos simplesmente aos fios de silício e a próteses de carbono, nem às intervenções de cunho genético que fazem de nossa “herança divina” um mito em desconstrução, nem tão somente as cirurgias plásticas de modelagem ou reparação funcional ou estética.

A era do ciborgue é aqui e agora, onde quer que haja um carro, um telefone ou um gravador de vídeo. A era do ciborgue não tem a ver com quantos *bits* de silício temos sob nossa pele ou quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de Donna Haraway [assim como qualquer outra pessoa] ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para *bodybuilding*, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance (KUNZRU, 2009, p. 23).

A fusão com a tecnologia faz nascer novas significações sobre o pensar/agir e sentir o corpo. “*Al transformar la naturaleza, el hombre no solo produce cosas, sino que también produce de cierta forma sus propios sentidos, les da nuevas propiedades, produce sus sentidos como sentidos humanos*” (CONTRERAS, 2011, p. 131). Neste sentido, acreditamos que se faz necessário uma ressignificação do olhar no que tange à visualização dessas novas manifestações corporais que se apropriam do humano. Mudar as estruturas de significação nos modos de concebê-lo é também parte de um processo de mudar suas relações.

Esse movimento de ressignificar acontecerá na medida em que as novas metáforas forem dando bases para que o híbrido não nos cause mais espanto e se naturalize – afinal ele é artefato humano. Acreditamos que em breve esse estranhamento será exaurido e aos poucos se perderá na medida em que for não só algo subjetivado, mas também quando se tornar uma constante nas suas mais variadas manifestações e contextos. Afinal, o corpo só existe enquanto linguagem e signo. Desta forma, na medida em que a ciência e os seus coadjuvantes técnicos avançam no sentido de criar novos sentidos para o corpo, cabe a nós humanos sempre ressignificar a resposta à pergunta: o que é corpo? Pois, como alerta Serres (2003, p. 41):

O que é corpo? Ele não existe; existia, mas não existe mais, pois vive inteiramente na modalidade do possível. Apenas uma lógica modal permite apreendê-lo; ele sai da necessidade para entrar no possível. Eis a melhor definição que se pode dar: o corpo é um virtual encarnado.

## DIALOGANDO COM OS DADOS

A partir de agora, trazemos para discussão os dados encontrados no *Portal Globo.com*, onde foram encontrados 23 registros jornalísticos sobre Oscar Pistórius no período de 15 de agosto a 15 de setembro de 2011. Em todas as reportagens veiculadas a Pistórius se fazia alusão ao corpo híbrido. Sem exceção, todas as reportagens se dirigiam ao atleta a partir de sua condição corporal híbrida.

Para uma exemplificação, abaixo apresentamos dois recortes de nossa coleta de dados:

“[...] Pernas metade humanas e metade artificiais.” Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/08/pauta-das-principais-noticias-da-afp-681.html> . Acesso: 13 de Julho de 2012.

“Oscar Pistórius que teve as pernas amputadas e corre com próteses de fibra de carbono.” Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/oscar-pistorius-faz-historia-se-classifica-para-semifinal-dos-400-metros-do-mundial-de-atletismo-2540847.html> . Acesso: 13 de Julho de 2012.

Assim, Pistórius com seu corpo híbrido dissolve as barreiras entre carne e próteses, homem e objeto técnico:

A heterogeneidade de que é feito o ciborgue [corpo híbrido – Pistórius] – o duro e o mole, a superficialidade e a profundidade – invalida a homogeneidade do humano tal como o imaginamos. A ideia do ciborgue [híbrido], a *realidade* do ciborgue [...] é aterrorizante, não porque coloca em dúvida a origem divina do humano, mas porque coloca em xeque a originalidade do humano (TADEU, 2009, p. 13-14).

Inclusive, por seu hibridismo, Pistórius é metaforicamente chamado de “*Blade Runner*”, que significa “corredor lâmina”. Essa caracterização se deve ao fato de suas pernas de fibra de carbono se assemelharem a duas lâminas. Em 4 (quatro) das 23 matérias identificamos essa metáfora para caracterizar e dar nome ao atleta. Outra expressão utilizada também por 4 (quatro) vezes nas notícias foi: “um estranho” em meio aos “normais”.

Por conta da biotecnologia, Pistórius teve seu “destino” modificado. De um corpo deficiente a tecnologia fez nascer um atleta que atinge marcas dignas de participação em competições em nível mundial com atletas considerados normais. Assim, o corpo do atleta Oscar Pistórius:

Tornou-se alvo de investimento e, na articulação entre várias áreas do saber, deu origem a um ser híbrido de carne e fibras de carbono. Aos moldes da eugenia do século XIX, o atleta sul-africano jamais se tornaria um emblema de “homem puro-sangue”, sobretudo porque nasceu marcado por uma má-formação congênita. Entretanto, sob os imperativos da neoeugenia, sua mazela foi extirpada e sua “deficiência” suplantada pela tecnociência. Pistórius é o emblema da neoeugenia ao potencializar seu corpo para além de suas condições “puramente” humanas (GOELLNER; SILVA, 2012, p.197-98).

Um dos motivos que gera polêmica no âmbito do atletismo em relação ao corpo híbrido de Oscar Pistórius é exatamente o fato de suas próteses se assemelharem a

duas lâminas, o que supostamente pode causar risco aos demais atletas. Duas matérias noticiavam esses possíveis perigos na medida em que houvesse um contato físico de Pistórius com outro atleta.

Exatamente por isso que no revezamento 4x400<sup>5</sup> Pistórius correu como “primeiro atleta” de sua equipe. Na prova de revezamento 4x400, o primeiro atleta corre dentro de sua raia, o segundo corre os 100 primeiros metros raiados para depois correr em raia livre. A partir de então, o segundo, bem como o terceiro e quarto atletas, correm em raia livre. Essa caracterização da regra explica o motivo da Federação Internacional de Atletismo (IAAF) ter liberado o atleta para fazer o revezamento com a equipe sul-africana somente na condição de primeiro corredor, já que o mesmo sendo primeiro atleta não teria contato com os demais atletas pela restrição das raias.

No entanto, as polêmicas que mais atingem o hibridismo de Pistórius estão ligadas às vantagens de suas próteses. Das 23 matérias foram detectadas 6 (seis) notícias que mencionavam que Pistórius tinha vantagens devido ao uso das próteses – vale mencionar que duas das seis matérias simplesmente anunciavam que Pistórius tem vantagem ao correr com suas pernas protetizadas, no entanto não explicitavam o motivo que gera tal vantagem. As outras 4 (quatro) notícias se referiam a três tipos de vantagens, vejamos:

- a) 1 (uma) notícia alegando que Pistórius teria maior velocidade fazendo uso das próteses;
- b) 2 (duas) matérias anunciavam que Pistórius teria vantagem de 10 segundos aos correr com suas próteses, porém sem anunciar os motivos;
- c) 1 (uma) nota aludindo que Pistórius, ao correr com pernas mecânicas, utiliza-se 25% a menos de oxigênio que os demais atletas.

Todas as vantagens acima descritas poderiam enquadrar Oscar Pistórius num contexto de doping tecnológico, e é exatamente por conta disso a dificuldade de se estabelecer acordos no sentido de deixá-lo competir com atletas normais. Miah (2008, p. 53) enumera outros eventos históricos em que a tecnologia foi vista como eticamente problemática no âmbito esportivo, no que diz respeito ao doping tecnológico e a utilização de materiais:

Na década de 1980, o desenvolvimento da vara de fibra no salto com vara levou a situações que outros atletas tinham o benefício de uma vara melhor que os outros não tinham [...] uma regra semelhante foi feita com relação ao *design* da bicicleta *superman*, que ajudava na corrida por ter uma posição do

---

<sup>5</sup> Na prova individual de Pistórius, os 400 metros rasos, ele não tem o problema do contato físico, já que as provas de atletismo até e inclusive 400 metros são todas corridas em raias, ou seja, a regra não permite que o atleta avance para a raia adversária exatamente para que o mesmo não obstrua os demais competidores, e também para que ele não tenha vantagem de percurso.

assento mais aerodinâmica [...]. As roupas de natação *FastSkin* da Speedo despertam controvérsias parecidas nas vésperas dos jogos olímpicos de Sidney em 2000 [...].

As contradições que envolvem esse tipo de doping sofrem de argumentos muito frágeis e por vezes, até contraditórios: se o esporte está pautado na lógica do rendimento máximo, por que o doping – que potencializa tal rendimento – é ilegal? O mito do doping está fundado na pureza natural, logo, no contexto de nosso escrito o impuro vem mascarado sob a roupagem do artificial – as próteses de Pistórius. Ou seja, não tem como se falar em doping na modernidade sem estabelecer as tensões entre o binário natural/artificial.

Essa é uma questão bastante controversa se for considerado que o uso de alguma tecnologia – droga, manipulação genética, prótese/material – parece ser imprescindível para o esporte de alto rendimento e que nele há pouco do que se poderia chamar de “natural” no que se refere à relação com o corpo – como se pudéssemos delimitar o que seria uma natureza “livre” dos condicionantes culturais da tecnologia (VAZ, 2005). Além do mais, “Não parece fácil responder por que é lícito fazer uma cirurgia plástica para aumentar a beleza, mas não intervir cirúrgica ou quimicamente para aumentar a performance esportiva”. (VAZ, 2005, p. 34)

Sendo assim, aqui novamente questionamos: o que seria uma vantagem tecnológica? Os limites entre natureza e cultura, como analisamos acima, já foram superados, até porque: “não existe nada mais que seja simplesmente “puro” em qualquer dos lados da linha de “divisão”: a ciência, a tecnologia, a natureza puras; o puramente social, o puramente político, o puramente cultural. Total e inevitável embaraço” (TADEU, 2009, p. 11).

Arriscamos afirmar que o esporte é mediado na sua totalidade pela tecnologia, ao mesmo tempo em que serve de laboratório para a mesma. O corpo e o esporte estão fadados a uma progressão tecnológica irreversível. Material esportivo (bolas, raquetes, pistas de atletismo, gramado de campos de futebol), vestimentas (camisas, calçados, aparelhos de segurança), suplementação alimentar e fármacos (uso racional de anabólicos e hormônios, proteínas e carboidratos de alta absorção). “Vencer os jogos olímpicos na era do ciborgue não tem a ver simplesmente com correr mais rápido. Tem a ver com “a interação entre medicina, dieta, práticas de treinamento, vestimentas e fabricação de equipamentos, visualização e controle de tempo” (KUNZRU, 2009, p. 23).

Desta forma, acreditamos não ser mais possível parar a tecnologia e nem perceber os limites onde começam as máquinas e onde terminam os humanos, pois “[...] é no confronto com clones, ciborgues e outros híbridos tecnoculturais que a ‘humanidade’ de nossa

subjetividade se vê colocada em questão” (TADEU, 2009, p. 10).

Assim, pensar a relação entre o corpo e a máquina, entre sujeito e objeto, e buscar entender de que forma se estabelecem identidades e significados sociais e culturais, que não desfrutavam da visibilidade hegemônica, remetem-nos a olhar para práticas e fenômenos sociais que, apesar de terem uma inegável dimensão cultural, parecem residir em uma zona de pouca visibilidade e aceitação (NOVAES, 2009, p. 166).

Permanecer preso ao dualismo “natural/artificial” só nos faz “analfabetos” neste nosso momento histórico (modernidade) – no contexto do corpo híbrido. Logo a metáfora de Jean Baudrillard é perfeita para transcendermos tal *episteme*<sup>6</sup>:

Como na história do ilusionista forçado, no palco, a tornar artificialmente mecânicos os seus gestos para diferenciar-se do autômato com o qual divide a cena, cujo comportamento perfeito impede a distinção entre homem e a máquina (BAUDRILLARD, 2011, p. 150).

Como tal, perceber que ambos – ilusionista e autômato – fazem parte de um só movimento é transcender a ideia do dualismo para o uno fundido. No entanto, reinventar tais *epistemes* ontológicas que envolvem o corpo é parte da criação de novas metáforas para se olhar para o mesmo – uma reeducação do olhar. Isso tudo, porém, é próprio/inerente da condição humana, condição que reiteramos só existir *na* e *pela* linguagem.

Podemos afirmar que só nós temos corpo, e este está na linguagem, no mundo (não é um “dado”). É possível assim termos vários corpos, e eles se constituem para nós em conquista, da mesma forma que o homem conquista o seu próprio ser (FENSTERSEIFER, 2004, p. 293).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um sujeito fadado à “incapacidade” figurando entre atletas que são vistos e anunciados como sendo o ápice da perfectibilidade humana em questões de rendimento – técnica, força e velocidade – só é possível graças à potencialização humana gerada pelas biotecnologias que oportunizam ao corpo a realizar coisas das quais a sua própria estruturação biológica/natureza não seria capaz de oportunizar. Porém, será que as novas configurações humanas geradas por estas biotecnologias já encontram os esquemas de percepções à altura de seu tempo?

Nesta instigante possibilidade urge a necessidade de acompanharmos esta relação inaugurada por Oscar Pistórius. Como já citado anteriormente, no ano de 2012 o atleta sul-

---

<sup>6</sup> Na menção de Veiga-Neto (2004), Michel Foucault designa a *episteme* como sendo categorias que usamos para definir e dividir o mundo social, constituindo verdadeiros sistemas que nos permitem pensar, ver e dizer certas coisas, ao mesmo tempo em que impede de ver e dizer tantas outras. A *episteme* funciona informando as práticas (discursivas e não discursivas) e dando sentido a elas. Ao mesmo tempo, a *episteme* funciona também em decorrência de tais práticas.

africano também participou dos Jogos Olímpicos de Londres, o que certamente gerou novos fatos explorados pelos meios de comunicação de modo geral.

A participação de híbridos em meio aos “normais” pode ser vista como mais uma ferramenta a contribuir com a construção da cultura e do *ethos* inclusivo. Para tal, a diferença precisa ser um dos mais nobres pilares para a convivência humana. Além do mais, o discurso ético e moral do corpo, do esporte e do doping passam por questões que envolvem o entendimento dos limites ontológicos sob os quais entendemos o ser humano, e neste sentido Pistórius também é central.

O caráter aparentemente enigmático que Pistórius veio dar ao desporto ao misturar deficiência com a re/significação do humano com a máquina/tecnologia requer de nós muito mais que um simples “aceitar”. Requer uma abertura para a percepção de diferentes níveis de realidade e de diferentes níveis de percepção.

#### BODY HYBRID: MEDIA ANALYSIS OF THE PARTICIPATION OF THE ATHLETE OSCAR PISTORIUS IN THE ATHLETICS WORLD CHAMPIONSHIP OF 2011

##### ABSTRACT

*In this paper, we address issues related to hybrid body – merging natural/artificial – that could be observed through the portal Globo.com monitoring regarding the South African athlete Oscar Pistorius, his participation and all the controversy about him in the Athletics World Championship 2011 held in South Korea. In a month period, identified 23 news related to Pistorius, and analyzed them from the hermeneutics of depth. We found a schedule of the athlete for his originality and controversy involved, i.e., because he was a bi-amputee athlete who competes with prosthetics – which characterizes it as a hybrid body – along with athletes disabilities free.*

KEYWORDS: hybrid body; Oscar Pistorius; media.

#### EL CUERPO HÍBRIDO: ANALISIS MEDIÁTICA DE LA PARTICIPACIÓN DEL ATLETA OSCAR PISTÓRIUS EN EL MUNDIAL DE ATLETISMO/2011

##### RESUMEN

*En este texto abordamos cuestiones pertinentes al cuerpo híbrido – fusión natural/artificial – que pudieron ser observadas en el acompañamiento del portal Globo.com en relación a Oscar Pistorius, atleta sul-africano, su participación y toda la polémica que lo envolvió en el Mundial de Atletismo/2011 realizado en Corea del Sur, analizándolas a partir de una hermenéutica de profundidad. Constatamos un agendamiento en relación al referido atleta, por su ineditismo y la polémica relacionada, por ser él un atleta biamputado que compite con prótesis – que lo caracteriza como un cuerpo híbrido – al lado de atletas sin deficiencia.*

PALAVRAS-CLAVE: cuerpo híbrido; Oscar Pistórius; mídia.

## REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. *Tela total: mito-ironias do virtual e da imagem*. Organização e tradução de Juremir Machado da Silva. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- CONTRERAS, R.C. Ontología y epistemología cyborg: representaciones emergentes del vínculo orgânico entre el hombre y la naturaleza. *Revista Ibero Americana de ciência, tecnologia y sociedad*, Buenos Aires, v. 7, n.19, p. 131-141, dic. 2011.
- FENSTERSEIFER, P.E. Corpo e linguagem. In: STREY, M.N.; CABEDA, S.T.L. (org.) *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 289-303.
- GOELLNER, S.V.; SILVA, A.L.S. Biotecnologia e neoeugenia: olhares a partir do esporte e da cultura fitness. In: COUTO, E.S.; GOELLNER, S.V. (org.) *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2012, p.187-210.
- HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminis-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.
- KUNZRU, H. “Você é um ciborgue”: um encontro com Donna Haraway. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 17-32.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.
- MIAH, A. *Atletas geneticamente modificados: ética biomédica, doping genético e esporte*. Tradução de Débora Balancin. São Paulo: Phorte, 2008.
- MINAYO, M.C. de S. (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- NOVAES, V.S. A performance do Híbrido: corpo, deficiência e potencialização. In: COUTO, E.S.; GOELLNER, S.V. *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p.165-179.
- SANTAELLA, L. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- SERRES, M. *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- TADEU, T. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (org.) *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2

ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 7-15.

TEIXEIRA, D.V. *A ética no discurso do jornal Zero Hora sobre as mudanças climáticas*. 2008. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, 2008. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp075260.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2011.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 2010.

VAZ, A.F. Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 1, p. 55-74, set. 2005.

VEIGA-NETO, A. *Foucault & a educação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2004.